

SONETO À LUA

Antônio Girão Barroso

A Artur Eduardo Benevides

Lua branca, como é terrível tua face
No céu escancarada, a se mostrar aos homens,
Ó astro fluorescente, a espiar as mazelas
Surgidas cá embaixo, ao toque das espumas.

Mulher, ó dulçorosa, o mar te espalha tímida
Mente, corça da noite, ó tu, lua fremente
Que navegas ao léu, sem bússola nem norte,
Lua branca, vergel, perdida nas alturas.

Continente de gelo, o sangue tu derramas
De virgens sem fanal, ao jeito das marés
Que sacodem o meu barco, a dois passos da terra.

Não te deténs, ó lua, e indiferente estás
À brisa que se espalha, terna como carfícia,
Ou aos ventos tão febris, que acordam as madrugadas.